


## Estudos de léxico em línguas de sinais: o que o Brasil tem produzido?

### Lexicon studies in sign languages: what has Brazil produced?

Alexandre Melo de Sousa\* 

Ronice Müller de Quadros\*\* 

Quando aprendi o primeiro sinal em Libras eu me vi naquela língua. Eu me reconheci naquele formato de mão, naqueles movimentos. Parecia que as mãos dançavam e me chamavam para dançar com elas. Uma porta se abriu, um mundo se abriu. Eu me emociono sempre que lembro! O sinal era eu! O sinal era meu! Aquela era minha língua. Eu nasci naquele momento! (Teixeira, 2022)<sup>1</sup>.

A escolha da citação que abre este texto não foi aleatória. Teixeira (2022) descreve, quase poeticamente, o significado da língua de sinais para a pessoa surda. A identificação por meio do sinal e a relação deste com seu contato com o mundo, com as informações, com a construção de si mesma e com a interação com os outros sujeitos surdos são possíveis por meio da língua. Antunes (2012, p. 27) diz: “Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua”.

O primeiro contato do surdo com sua primeira língua (L1) se dá por meio do léxico, dos sinais. Cada sinal vai criando seus significados – sozinhos ou em construções textuais – se materializando no corpo – nas mãos, nas expressões não manuais, nas referências, nas relações culturais – e construindo seus sentidos ao serem

---

\* Doutor em Linguística, Universidade Federal de Alagoas. [alexandre.sousa@fale.ufal.br](mailto:alexandre.sousa@fale.ufal.br)

\*\* Doutora em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. [ronice.quadros@ufsc.br](mailto:ronice.quadros@ufsc.br)

<sup>1</sup> Monalisa Abreu Teixeira, uma discente surda do curso de Letras Libras Ufac, descreveu dessa forma seu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais. Esse trecho foi extraído de uma palestra sobre a comunidade surda acreana, na oportunidade da comemoração dos 20 anos da Lei de Libras, em 05/12/2022, promovida pelo Grupo ESLIN.

recebidos pelos olhos dos interlocutores, num jogo discursivo que se costura por meio dos tecidos socioculturais e identitários.

Quando pensamos neste texto sobre o léxico em línguas de sinais, muitas ideias surgiram na tentativa de traçar um panorama do que se tem produzido no Brasil sobre o tema. Em seguida pensamos ser impossível pois os estudos lexicais têm crescido muito nos últimos anos e correríamos o risco de não dar conta de descrever todas as pesquisas relevantes na área. Então, decidimos mostrar aqui quatro trabalhos que destacam os estudos lexicais em línguas de sinais e que possibilitam investigações e aplicações didático-pedagógicas, na lexicologia, na lexicografia, na terminologia, na onomástica e em outras disciplinas que têm o léxico como eixo central.

Vamos começar pelos *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*, que foram elaborados por uma equipe de 27 professores/pesquisadores com larga experiência na educação de surdos, sob a coordenação da professora Marianne Stumpf (da Universidade Federal de Santa Catarina) e do professor Ramon Santos de Almeida Linhares (do Instituto Nacional de Educação de Surdos).

Os Referenciais são distribuídos em cinco volumes:

- **Volume 1** – Fundamentos históricos e conceituais para Curricularização da Libras como primeira língua (Stumpf; Linhares, 2021a);
- **Volume 2** – Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil (Stumpf; Linhares, 2021b);
- **Volume 3** – Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental Do 1º ao 9º ano e EJA (Stumpf; Linhares, 2021c);
- **Volume 4** – Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio (Stumpf; Linhares, 2021d);
- **Volume 5** – Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior (Stumpf; Linhares, 2021e).

Figura 1 – Capas dos Referenciais Ensino de Libras (L1).



Fonte: elaborado pelos autores.

O trabalho elaborado pela equipe enfatiza a necessidade de desenvolver as competências e as habilidades da pessoa surda a partir de suas experiências visuais. É o seu contato com o mundo e seus processos interacionais que dão sentido à construção e uso da língua.

A experiência visual, muitas vezes relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser centro das atenções, pois é a base do pensamento e da linguagem dos surdos. Vale reforçar, então, aquilo de que se falou desde a introdução desta obra, passando pelas partes percorridas até aqui: a visualidade é uma competência e uma habilidade dos surdos, portanto, na educação das pessoas surdas, não é uma propriedade dos objetos ou métodos pedagógicos; são os corpos dos surdos, entendidos como construção histórica que se atualiza ao longo da vida e das gerações. A visualidade se aprimora, leva os surdos até a Libras e todas as outras línguas de sinais do Brasil e do mundo, como um dos maiores tesouros da humanidade, manifestado na potencialidade extrema da vida como diferença e alteridade (Stumpf; Linhares, 2021d, p. 99).

O sujeito surdo compreende o funcionamento das linguagens, os múltiplos aspectos que envolvem as relações sociais (culturais, artísticas, de poder, identitárias, discursivas) por meio, também, do componente lexical. Os discursos são possíveis a partir das materialidades lexicais. E é a materialidade lexical, por meio das diversas experiências corporais, que refletem as línguas de sinais como fenômenos (geo)políticos, históricos, socioculturais, variáveis, heterogêneos e sensíveis aos diferentes contextos de uso e produção discursiva.

Os referenciais, portanto, mostram caminhos para o trabalho com o léxico na Educação Bilíngue de Surdos. O léxico é parte integrante e necessária que possibilita o desenvolvimento de todos os outros níveis linguísticos e usos reais da língua em propósitos sociais diversos.

O segundo trabalho é o *Projeto Inventário Nacional de Libras*, que é coordenado pela professora Dra. Ronice Müller de Quadros e possui replicação em diversas cidades brasileiras. Segundo Quadros *et al.* (2020, p. 5458), o projeto Inventário Nacional de Libras tem por objetivo documentar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de “organizar as informações sobre essa língua e mapear os aspectos linguísticos que a constitui. Além disso, tem sido uma forma de apresentar um conjunto de dados sobre esta língua à comunidade surda e acadêmica para fins de interesse político, social, cultural, educacional, linguístico e científico”. O Inventário de Libras, segundo Quadros *et al.* (2020), oferece:

- a) um corpus da Libras abrangente cientificamente e constituído a partir de metodologia bem fundamentada, representando a realização da Libras de Florianópolis, do Estado de Santa Catarina; de Maceió, do Estado de Alagoas; de Fortaleza, do Estado do Ceará; de Palmas, Estado do Tocantins, de Rio Branco, Estado do Acre;
- b) diretrizes e orientações para a documentação da Libras em investigações futuras, especialmente com relação “ao registro, à documentação e à recuperação de dados para fins de análise linguística” (Quadros *et al.* 2020, p. 5459);

c) orientações e amostragens sobre alternativas tecnológicas utilizadas para “fundamentar empiricamente as pesquisas com Libras de uma maneira consistente” (Quadros *et al.* 2020, p. 5459);

d) “registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas de quatro regiões do país, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira, podendo, posteriormente, ser estendido a outras regiões do país” (Quadros *et al.* 2020, p. 5459).

O *Inventário Nacional de Libras* está, atualmente, em desenvolvimento em 10 (dez) cidades brasileiras: Florianópolis (SC), Maceió (AL), Fortaleza (CE), Palmas (TO), Rio Branco (AC), Brasília (DF), Porto Alegre (RS), Pelotas (RS), Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ) – nas cinco primeiras cidades os dados já foram gerados. A figura a seguir mostra os Inventários demarcados no mapa do Brasil:

Figura 2 – Inventários de Libras.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Todos os projetos seguem a mesma metodologia: e os critérios para a escolha de pesquisadores e participantes que integram as ações de geração de dados do Inventário. De acordo com

A metodologia usada para o Inventário Nacional de Libras compreende interações de surdos em pares divididos em três grupos, por idade e por gênero. Todos os procedimentos para a coleta dos dados, organização dos dados e metadados, transcrição dos dados foram aplicados e ajustados para serem usados em todo o país e permitir dados em Libras comparáveis entre os surdos de diferentes regiões do país. Assim, com os dados seguindo os mesmos procedimentos metodológicos, teremos condições de analisá-los para identificar os fatores contextuais que influenciam a variabilidade da Libras, explicando os fenômenos linguísticos estudados (Quadros *et al.*, 2020, p. 5460).

Os dados dos Inventários são gerados a partir de 5 atividades (Quadros et al, 2020), como descritas a seguir:

Quadro 1 – Atividades para geração de dados.

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Atividade Inicial	É realizada uma entrevista com relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a Libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais
Narrativa 1	É apresentado um filme curto e o participante deverá recontar a narrativa para o pesquisador com o máximo de detalhes.
Narrativa 2	É apresentado um segundo filme, em quadrinhos, e o participante deverá recontar a narrativa, atentando para os detalhes da narrativa, descrição de ações e personagens.
Conversação Livre	A dupla conversa de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo. São propostos os temas relacionados com a realidade de cada local.
Elicitação Gramatical e Lexical	Ao participante são apresentados estímulos criados especificamente para a elicitação de construções gramaticais e itens lexicais da Libras, que foram adaptados do projeto de corpus da língua de sinais alemã.

Fonte: Quadros *et al.* (2020).

As atividades são realizadas em estúdio organizado a partir das orientações do projeto matriz e as imagens são captadas em 4 perspectivas, conforme ilustrado a seguir:

Figura 3 – Entrevistas do Inventário de Libras.



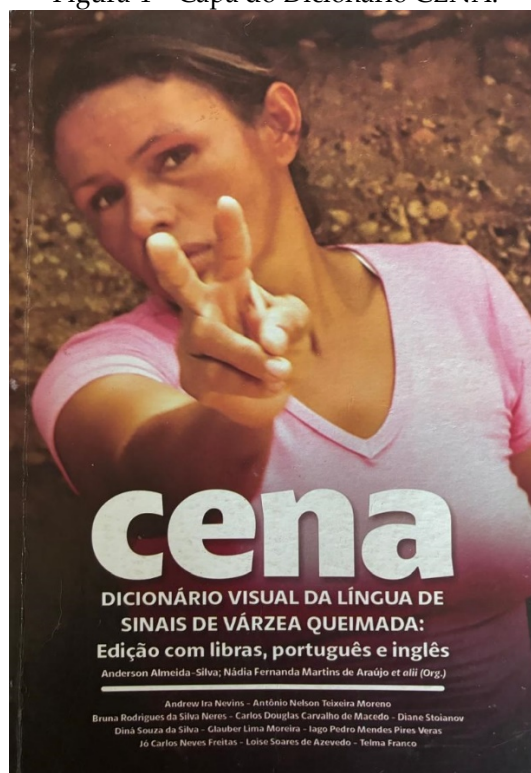
Fonte: elaborado pelos autores (arquivos do projeto).

Os dados lexicais são destacados, principalmente na quinta atividade. Sousa e Garcia (2023) mostraram que, no Inventário de Libras de Rio Branco, somaram 6.468 produções lexicais somente na quinta etapa de coleta (elicitação gramatical e lexical). Esses dados poderão ser utilizados para estudos de variação lexical, de produtividade e criatividade lexical, de onomástica, de formação e distribuição de campos lexicais, de marcas de iconicidade entre outras possibilidades.

O terceiro trabalho é o *Dicionário visual da Língua de Sinais de Várzea Queimada – CENA*, organizado por Almeida-Silva, Araújo *et al.* (2023). CENA é a língua de sinais dos surdos de Várzea Queimada, no Piauí. A obra conta com o relato histórico sobre os primeiros contatos com a comunidade surda local, descreve a metodologia da coleta inicial dos dados, com o destaque para as primeiras análises e a descrição do trabalho lexicográficos, que inclui informações em CENA, Libras, português e inglês.

Os verbetes são organizados em ordem alfabética e possuem a seguinte composição: entrada em CENA e em Libras, categorias gramaticais em CENA e em Libras, transcrição fonética dos sinais em SignWriting em CENA e em Libras, etimologia do sinal em CENA e em Libras, ilustração de cada verbete, definição em português e em inglês, equivalente em inglês, QR codes para acesso a exemplos de uso em CENA.

Figura 4 – Capa do Dicionário CENA.



Fonte: Almeida-Silva, Araújo *et al.* (2023).

Essa obra, além de fornecer dados lexicais sobre uma língua de sinais do Brasil diferente da Libras, possibilita conhecer como outro léxico visual se forma a partir de referentes iguais. Assim, mostra os reflexos socioculturais de um povo e sua visão de mundo.

O quarto trabalho é a *Gramática da Libras* (2 volumes), organizada por Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva (2023a; 2023b). A obra constitui um marco ao fornecer dados atuais e abrangentes da



Língua Brasileira de Sinais a partir de dados reais de usos extraídos dos diferentes corpora de Libras. A obra conta com descrições fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, textuais e lexicais. Além disso, destaca pesquisas relevantes que refletem os avanços das áreas no Brasil.

Figura 5 – Capa da Gramática da Libras.



Fonte: Quadros et al. (2023b).

No que diz respeito ao léxico, o segundo volume da Gramática da Libras conta com o capítulo das ciências do léxico da Libras, com destaque para os avanços terminológicos e os estudos onomásticos: antroponímia, toponímia e zoonímia. Além disso, mostra o *Signbank 2.0 da Libras* e suas funcionalidades como ferramenta de consulta de sinais.

A plataforma do *Signbank 2.0* integra a documentação de língua de sinais para identificar sinais com suas especificações no contexto do Corpus de Libras. Os sinais cadastrados apresentam a glosa, as traduções para o português e para o inglês e informações de ordem linguísticas. A partir dos sinais também é possível acessar as suas ocorrências nas produções que integram o Corpus de Libras diretamente. Assim,

além de acessar os sinais enquanto entradas cadastradas no sistema com suas especificações, as pessoas podem visualizar ocorrências dos sinais produzidas no contexto de produção por diferentes surdos do país.

A proposta atual apresenta vários avanços, especialmente em relação ao painel de administração com um painel simples. Além disso, o Signbank 2.0 atual implementa sistemas de busca mais sofisticados do ponto de vista linguístico e tecnológico. É um banco de sinais que as buscas podem ser feitas pelas especificações dos próprios sinais, independentemente da sua tradução para o português e/ou inglês. A plataforma apresenta um design visual e parte de demandas dos próprios surdos na forma da sua apresentação.

Aqui, apresentamos um recorte do que se tem produzido no Brasil na área de Libras e que pode ser utilizado nas investigações sobre o léxico. Somado a isso, a *Revista GTLex*, nesta seção temática, apresenta um conjunto de artigos resultados de pesquisas sobre o léxico em língua de sinais. São pesquisadores e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que se debruçam em diversas especificidades que afloram do elemento lexical.

Denis Ramón Fúnes Flores, em *O papel do léxico na compreensão das Línguas de Sinais*, discute o papel do léxico na compreensão das línguas de sinais, em especial sua importância para o desenvolvimento de estratégias educacionais e de interação para pessoas surdas. O autor combina análise linguística e psicolinguística para analisar os dados de participantes surdos fluentes em línguas de sinais. Os resultados revelam que o léxico tem papel fundamental na compreensão das línguas de sinais, e influencia diretamente a interação e, conseqüentemente, o acesso às informações por pessoas surdas.

Letícia Regiane da Silva e Marianne Rossi Stumpf, Marcos Luchi – no artigo *Um estudo sobre práticas linguísticas LGBTTTQIAPN+ em Libras: interconexões entre léxico em línguas de sinais, plataformas digitais e redes sociais* – abordam a interconexão entre as Comunidades Surdas e o ativismo LGBTTTQIAPN+ a partir de análises de vídeos

selecionados no Instagram e no YouTube. Os autores destacaram o papel das redes sociais na propagação de informações e na expansão do vocabulário da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com um foco específico na visibilidade das comunidades LGBTTQIAPN+, como formas de práticas linguísticas. A partir da análise de conteúdo, os autores investigaram como o termo “bissexual” é representado em Libras, e identificaram variações e relações com a concepção binária de gênero. Desse modo, o estudo contribui para um corpus acadêmico e oferece uma base documental para estudos mais amplos sobre a interseção das identidades surdas e LGBTTQIAPN+, destacando a importância de uma abordagem sensível e colaborativa entre a academia e as comunidades surdas diversas.

Em *Nomes próprios de pessoa em línguas de sinais: uma discussão acerca das nomenclaturas adotadas*, Gabriele Cristine Rech e Fabíola Sucupira Ferreira Sell fazem um levantamento da nomenclatura utilizada para designar os sinais de nomes próprios em pesquisas desenvolvidas sobre esse objeto de estudo em línguas de sinais de diferentes países. Trata-se de uma pesquisa situada no âmbito da antroponomástica, que possibilitou o reconhecimento de diferentes nomenclaturas para designar os sinais de nomes próprios. Ao final, as autoras apontam que em pesquisas brasileiras, embora haja diferenças nas traduções, há evidências de que os termos são equivalentes.

Jerlan Pereira Batista, no trabalho *Uma descrição da variação lexical de sinais de alimentos em Libras em três municípios alagoanos*, apresenta uma descrição das variações lexicais de sinais que nomeiam alimentos em Libras dentro em comunidades surdas de três regiões do estado de Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca. O autor desenvolveu uma pesquisa de abordagem qualitativa, com uma metodologia laboviana para coleta e análise de dados. Os resultados mostraram que o fator região afeta diretamente na distribuição das variantes por participante, apontando uma estratificação bem delimitada na amostra analisada.

Em *Produção de sinais-terminos em Libras para conceitos acadêmicos: uma revisão sistemática e suas contribuições para surdos, professores e tradutores e intérpretes educacionais*, Neiva de Aquino Albres mapeou os artigos mais atuais sobre a produção de sinais-terminos acadêmicos para a Libras e propôs uma visão geral de pesquisa. A autora escolheu como método uma revisão sistemática com 770 artigos publicados entre 2010 e 2024, dentre os quais selecionou 37, analisados a partir de sua intersecção com a educação, classificados segundo critérios institucionais, cronológico, e área de conhecimento. Foram adotadas como palavras de busca estas três áreas: Libras e dicionário, Libras e glossário, Libras e lexicologia. Ao final, o estudo apontou a predominância de artigos empíricos e de natureza qualitativa, além da necessidade de desenvolvimento conceitual para o tema. Há preferência, por exemplo, pela aplicação de pesquisas terminológicas no campo das exatas, o que indica uma lacuna de pesquisa do tema no que se refere ao campo das ciências humanas.

O artigo *Variação lexical e fonológica na expressão dos conceitos 'YouTube' e 'WhatsApp' na Libras*, de Gabriel Henrique Arzua e André Nogueira Xavier, apresenta um estudo sobre a variação lexical e fonológica observadas na expressão de dois conceitos na Libras: 'WhatsApp' e 'YouTube'. Os autores selecionaram, por meio do WhatsApp, dados de 48 surdos, 29 homens e 19 mulheres, entre 19 e 35 anos e de seis estados: Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Paraíba. Os resultados apontaram a existência de cinco variantes lexicais para 'YouTube' e três para 'WhatsApp'. Além disso, foram encontradas diferentes realizações de cada um desses oito sinais. Apesar da variabilidade fonológica, o estudo de Arzua e Xavier evidencia também estabilidade na produção de alguns parâmetros nas diferentes produções de um mesmo sinal.

Janaína Pereira Claudio, no texto *Sinais bíblicos em Libras: contribuições do Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais – GEIL*, desenvolve uma revisão literária sobre os sinais bíblicos em Libras, destacando a importância da Linguística de Corpus na documentação e validação desses sinais. A autora trata, ainda, sobre a

educação bilíngue para surdos, os registros literários dos sinais religiosos e o papel dos sinais bíblicos no contexto religioso, destacando a necessidade de promover a inclusão, a acessibilidade e o respeito à diversidade linguística e religiosa. O estudo ressalta que, por meio do canal do Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais (GEIL), no YouTube, tanto a comunidade surda quanto a ouvinte podem conhecer e contribuir com a pesquisa sobre os sinais bíblicos, fortalecendo a interação entre linguística e religião.

Em *Dicionário Spread the Sign-Brasil: análise e proposta de melhoria*, Nelson Goettert e Cleci Regina Bevilacqua apresentam resultados da análise do dicionário Spread the Sign Brasil (STS-Brasil) e propostas para sua melhoria. Para a análise do STS-Brasil, foram seguidos critérios a respeito dos usuários, da função, das informações relativas à macro e à microestrutura e das formas de acesso. Ao final, os autores identificaram várias lacunas como a ausência de busca de palavras por ordem alfabética em português e pelos sinais e a inexistência de exemplos tanto em Libras como em português.

O artigo *Estudo do léxico em Libras: uma análise composicional de dicionários e sinalários de diferentes momentos históricos*, de Bruno Pierin Ernsen e Carlos Antonio Jacinto, descreve e analisa os recursos micro e macroestruturais de seis sinalários da Libras (três impressos e três digitais), e as possíveis implicações relacionadas à interação dos usuários com as interfaces dos materiais. O estudo verificou que: a) as produções impressas e digitais tendem a privilegiar aspectos visuais e de iconicidade e, paralelamente, mostram a língua portuguesa escrita como língua de construção.

Gilmar Garcia Marcelino, Renata Rodrigues de Oliveira Garcia e Andréa dos Guimarães de Carvalho, no artigo *Análise e descrição paramétrica de microestrutura de instrumentos lexicográficos impressos do sinal do léxico 'futebol'*, analisam a representação do sinal FUTEBOL no léxico comum da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em dois diferentes dicionários lexicográficos: um da Tipografia Universal de E. & H. Laemmert (Gama, 1875) e outro da Editora da Universidade de São Paulo (Capovilla et al., 2017).

Os autores examinaram as microestruturas dos verbetes desses dicionários, com o intuito de verificar como são descritos e utilizados. Os resultados apontaram que os verbetes nos dicionários analisados não oferecem explicações complementares que ajudariam na compreensão do uso dos sinais na Libras. Segundo os autores, a ausência dessas informações pode levar a uma insatisfação entre linguistas e praticantes do esporte quanto à representação tridimensional dos sinais e seu uso em contextos diversos. A comparação entre os dicionários antigos e os mais recentes mostra a necessidade de melhorias na forma como os sinais são apresentados e descritos, a fim de refletir melhor seu uso real e contextos variados na Libras.

No artigo *O estudo da toponímia baiana em línguas orais e línguas de sinais*, Liliane Lemos Santana Barreiros apresenta uma proposta metodológica para o estudo da toponímia baiana, numa perspectiva bilíngue – línguas orais e línguas de sinais – que nasce dos resultados alcançados com o projeto de pesquisa “Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS 044/2018), que é vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O referido projeto tem como objetivos catalogar, analisar e classificar os topônimos de natureza física e humana e criar ferramentas acessíveis para surdos. Os topônimos são selecionados nas Folhas Cartográficas do IBGE, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), nas Prefeituras, no Centro de Documentação e Pesquisa da UEFS e nas Associações de Surdos. A análise dos dados, segundo a autora, tem revelado aspectos linguísticos e históricos da origem dos lugares estudados. Esse estudo considera o processo político-cultural que envolve a nomeação dos espaços.

Esperamos que apreciem esta seção temática e que os trabalhos aqui descritos sejam pontos de partidas para outras investigações que vão contribuir com a descrição do léxico em Libras e em línguas de sinais. Boa leitura!

## Referências

ALMEIDA-SILVA, A.; ARAÚJO, N. F. M. de. (org.) **Dicionário visual da Língua de Sinais de Várzea Queimada – CENA**. Terezina: Governo do Estado do Piauí, 2023.

ANTUNES, I. **Território das Palavras**: estudos do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

QUADROS, R. M. de Q.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. da. (org.). **Gramática da Libras** (Volume 1). Rio de Janeiro: INES, 2023a.

QUADROS, R. M. de Q.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. da. (org.). **Gramática da Libras** (Volume 2). Rio de Janeiro: INES, 2023b.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B. da.; MACHADO, R. N.; LUDWIG, C. R. Inventário Nacional de Libras. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5457-5474, 2020. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e77334>

SOUSA, A. M. de; GARCIA, R. Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: possibilidades para o estudo da variação lexical. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n. 65, p. 107-121, 2023. DOI <https://doi.org/10.18542/moara.v0i65.16051>

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior. Vol. 3. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021c.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 1. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021a.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 2. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021b.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A. (org.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 4. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021d.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. de A.. (org.) **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**, Vol. 5. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021e.

TEIXEIRA, M. A. **A comunidade surda acreana**. 20 anos da Lei de Libras. Evento do Grupo Eslin (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2022.

Artigo recebido em: 22.10.2024

Artigo aprovado em: 30.10.2024